



# NÃO PINTCHA

• ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO •

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

## TERMINOU A HISTÓRICA VISITA DE AGOSTINHO NETO À GUINÉ-BISSAU

### «A SITUAÇÃO EM ÁFRICA É FAVORÁVEL ÀS FORÇAS ANTI-IMPERIALISTAS»

COMUNICADO CONJUNTO:

#### «TODOS OS MEIOS À DISPOSIÇÃO DA REVOLUÇÃO MOÇAMBICANA»

Para reforçar e desenvolver cada vez mais os laços históricos de amizade, de cooperação e de solidariedade de combate entre o Movimento Popular de Libertação de Angola e o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde no seio da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, durante os longos anos de luta comum contra a dominação colonial portuguesa, o camarada António Agostinho Neto, Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e Presidente da República Popular de Angola efectuou de 16 a 18 de Março de 1976 uma visita de amizade à República da Guiné-Bissau.

O Chefe de Estado Angolano era acompanhado de uma importante delegação composta de membros do Comité Central do MPLA e do seu Bureau Político e do Estado-Maior das FAPLA.

Durante a sua permanência na Guiné-Bissau o Presidente António Agostinho Neto e a delegação que o acompanhou visitaram sucessivamente as cidades de Bissau e de Bafatá, e tiveram importantes conversações com o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, bem como uma sessão de trabalho alargada aos membros do Conselho dos Comissários de Estado.

As duas delegações trocaram impressões sobre as suas relações bilaterais e sobre os problemas africanos e internacionais.

A delegação guineense começou por saudar a luta heróica e vitoriosa do povo irmão de Angola sob a direcção do Movimento Popular de Libertação de

Angola, presidido pelo camarada António Agostinho Neto.

Rendeu igualmente homenagem à memória de todos os heróis angolanos caídos no campo de batalha pela coragem e perseverança com que deram o melhor deles mesmos para que viva a República Popular de Angola, dando assim um exemplo vivo aos povos africanos em luta pela sua libertação do colonialismo, do racismo, e pela sua emancipação, progresso económico e social.

No que respeita às relações bilaterais entre os dois países, as duas partes felicitaram-se pela perfeita identidade de pontos de vista e opções políticas sobre todos os problemas africanos e extra-africanos entre o MPLA e o PAIGC assim como pelas excelentes relações de amizade, de solidariedade e de cooperação que sempre existiram entre os povos irmãos de Angola e da Guiné-Bissau durante os longos anos de luta contra a dominação colonial portuguesa.

Perante a agressão das forças racistas da África do Sul contra a jovem República Popular de Angola, a delegação guineense reafirmou à delegação angolana o seu apoio incondicional na sua luta vitoriosa pela libertação total do território angolano de acordo com a vontade expressa pelo povo de Angola no dia 11 de Novembro de 1975.

As duas delegações denunciaram energeticamente a intervenção sul-africana e das forças imperialistas que não param de violar a independência e a soberania do Novo Estado Africano de Angola já reconhecido pela grande maioria dos Estados da Organização da Unidade Africana e das Nações Unidas.

No que respeita às relações entre os países outrora sob a dominação portuguesa, as duas delegações reafirmaram a sua determinação de envidar todos os esforços no sentido de reactivar a cooperação na base dos princípios da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP).

(Continua na página 2)

#### • O PRESIDENTE LUIZ CABRAL VISITARÁ ANGOLA

Com a partida para Cabo Verde, ao princípio da tarde de quinta-feira, da delegação angolana chefiada pelo camarada Presidente Agostinho Neto, que durante três dias permaneceu entre nós, concluiu-se no nosso País um acontecimento histórico, de importantes consequências não só para o futuro de Angola e da Guiné-Bissau, mas provavelmente, de toda a África e de todo o mundo.

Conforme foi salientado mais do que uma vez, quer por Agostinho Neto quer por Luiz Cabral, este encontro, sem bem que tenha traduzido uma manifestação de amizade entre dois Estados, dois partidos e dois povos que há muitos anos caminham unidos na luta contra a opressão colonial, não se limitou a isso. As discussões entre os dois dirigentes, na sequência da recente cimeira de Conakry, permitiram delinear formas de solidariedade activa, que visam não só a reconstrução das nossas terras, mas a libertação de todo o Continente Africano.

O presidente da República Popular de Angola foi bem claro nesse sentido, ao dizer, em certo momento: «**Não podemos ser, de maneira nenhuma, independentes, se não ligarmos os nossos destinos aos destinos de outros povos, primeiramente de África, e de todo o mundo.**»

A população da Guiné-Bissau mostrou estar com este objectivo e assumir as responsabilidades que lhe cabem, ao correr massivamente a saudação o camarada Agostinho Neto por todo o lado onde a comitiva passou. O teor dos cartazes exibidos em Bissau e Bafatá e os aplausos às palavras do Presidente da RPA, são ilustrativos desse espírito.

Depois de na nossa edição anterior termos relatado os dois primeiros dias da visita de Agostinho Neto à Guiné-Bissau, publicamos hoje a síntese do seu terceiro e último dia de permanência no nosso País. O programa foi acanhado para mostrar ao nosso ilustre e querido visitante tudo quanto desejariamos que ele conhecesse de

Angola e da Guiné-Bissau. O que confirma o carácter internacionalista deste encontro, voltado para a concretização de formas de solidariedade activa com todos os povos, e particularmente africanos, que ainda sofrem a opressão.

Alguns destes pontos foram concretizados por Agostinho Neto na conferência de Imprensa que concedeu poucas horas antes da partida. Das suas declarações destacamos a intenção e o empenho de constituir em África uma frente anti-imperialista, destinada a intervir não só verbalmente mas também militarmente, em todos os lugares onde minorias reaccionárias tentem impedir a libertação e o desenvolvimento dos povos.

• Ver páginas 2, 4, 5 e 6

#### MENSAGEM DO CHEFE DE ESTADO DA R. A. S. D.

A fim de entregar uma mensagem ao camarada Presidente Luiz Cabral, encontra-se em Bissau, desde quinta-feira, uma delegação da República Árabe Democrática Saharaiana.

Esta delegação é chefiada pelo ministro do Interior daquele jovem país, Marfond Ali Benlea.

#### DELEGAÇÃO GOVERNAMENTAL NO BRASIL

Segue hoje para o Brasil uma importante delegação governamental da Guiné-Bissau, dirigida pelo camarada José Araújo, membro do C. E. L. e Comissário de Estado Sem Pasta. A missão estabelecerá os primeiros contactos com o governo brasileiro e estudará as possibilidades de uma futura cooperação entre os nossos dois países.

A delegação guineense, que permanecerá no Brasil cerca de uma semana, é formada pelos camaradas Fidélis de Almada, do C.S.L. e Comissário de Estado de Justiça, Avito da Silva, Secretário-Geral do Comissariado de Estado de Agricultura e Pecuária, Amélia Araújo, da Presidência da República, e Lilica Boal, directora do Instituto de Amizade.

**AGOSTINHO NETO EM CABO VERDE**

• VER PÁGINA 3

## Comunicado conjunto

### "Identidade de pontos de vista e opções políticas"

(Continuação da 1.ª página)

Evocando os problemas africanos, as duas delegações reafirmaram a sua adesão total aos princípios da Organização da Unidade Africana.

As duas delegações condenaram com energia os regimes de Pretória e de Salisbúria que, na África Austral, continuam a manter diversas formas de apartheid que põem em perigo a paz e a segurança nesta região.

Analizando a situação em Moçambique, vítima de uma agressão das forças racistas da Rodésia, as duas delegações condenaram energicamente o regime de Ian Smith. Consideram igualmente esta agressão como sendo dirigida contra a soberania e integridade dos seus próprios países e reafirmaram o seu apoio sem reservas ao povo Moçambicano, à Frente de Libertação de Moçambique e ao seu Governo

no seu esforço pela construção de um Moçambique forte e próspero.

Apreciaram também as medidas tomadas pelo Governo Moçambicano respeitante às sanções impostas à Rodésia de acordo com as resoluções da OUA e das Nações Unidas e decidiram pôr todos os seus meios à disposição da defesa da revolução Moçambicana.

Aos valentes combatentes da África do Sul, do Zimbabwe e da Namíbia, as duas delegações reafirmaram o seu apoio incondicional e sua solidariedade indefectível na sua luta contra a dominação colonial e racista.

Sobre a situação no Sahara Ocidental as duas delegações saudaram a proclamação da nova República Árabe Saharaí Democrática e reafirmaram o seu apoio total à Frente POLISÁRIO e ao povo de Saharaí na sua luta heróica pela libertação total do

seu território e na consolidação da sua independência.

Face à situação no Médio Oriente, as duas delegações reafirmaram a sua solidariedade e apoio total aos povos Árabes, particularmente ao povo Palestino e a sua convicção de que uma paz justa e duradoura só poderá existir nesta região do mundo depois da retirada total das forças israelitas dos territórios árabes ocupados e do restabelecimento ao povo Palestino dos seus direitos nacionais.

No que respeita à situação na Península da Indochina as duas delegações saudaram as grandes vitórias alcançadas pelos povos do Vietname, do Kampuchéa e do Laos na consolidação da paz nessa região. Consideram estas vitórias como uma grande contribuição à luta dos povos oprimidos de África.

Perante a situação do povo Timorense que é vítima de uma

agressão da Indonésia e tem de enfrentar enormes dificuldades para exercício da sua soberania nacional, as duas delegações exprimiram o seu apoio total e a sua solidariedade à Frente de Libertação de Timor Leste (FRELITIN), único representante legítimo do povo Timorense.

Reafirmaram igualmente o direito inalienável do povo da República Democrática de Timor Leste ao exercício da sua soberania nacional, de acordo com os princípios e a Carta da Organização das Nações Unidas.

As duas delegações mostraram-se preocupadas com o que se passa no Chile e condenaram as execuções efectuadas sob a responsabilidade da junta fascista Chilena dirigida por Pinochet.

As duas delegações exprimiram a sua profunda gratidão aos países socialistas, às forças anti-imperialistas, anti-colonialistas e particularmente aos povos Soviético e Cubano que não se pouparam a esforços nem a sacrifícios no cumprimento do seu dever internacionalista prestando uma ajuda decisiva e desinteressada ao MPLA durante a agressão generalizada dos imperialistas contra a soberania e a integridade territorial da República Popular de Angola.

As duas partes reafirmaram igualmente a sua adesão ao Movimento dos Países Não-Alinhados. Expressaram a sua convicção de que a Cimeira de Colombo (Sri Lanka) contribuirá para a libertação dos povos em luta pela liberdade e para o reforço da paz e do progresso da Humanidade.

No final desta visita oficial o camarada António Agosinho Neto, Presidente da República Popular de Angola agradeceu ao camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau e, através dele, ao povo da Guiné-Bissau pelo importante papel que desempenhou na defesa dos interesses do povo angolano perante a agressão sul-africana e pelo apoio prestado à Jovem República angolana na sua afirmação no plano internacional.

O Presidente António Agosinho Neto, agradeceu igualmente em nome da delegação que o acompanhou, e em seu próprio nome ao Povo da República da Guiné-Bissau, ao seu Partido e ao seu Governo pelo acolhimento caloroso e fraternal que lhe foi reservado ao longo da sua estadia na Guiné-Bissau.

O Presidente António Agosinho Neto, em nome do Povo angolano, do Comité Central do MPLA, do Governo angolano e em seu nome pessoal convidou o Presidente Luiz Cabral a efectuar uma visita oficial à República Popular de Angola.

Este convite foi aceite e a data será fixada posteriormente pela via diplomática.

## RESPONDE O POVO

### Acha importante a criação de creches?

A criação de creches no nosso país vai-se tornando, cada vez mais, uma necessidade. Tal passo possibilitaria uma maior liberdade para as jovens mães e um avanço efectivo na luta pela emancipação de todas as nossas mulheres.

Mas, como seria organizadas essas creches? Enquanto o nosso Estado não tem possibilidades de arcar com essas responsabilidades, a Comissão Feminina do PAIGC, a JACAC, não terão uma palavra a dizer?

Entretanto, «Nô Pintcha» saiu à rua e perguntou a quatro leitores se acham a criação de creches, importante:

**ALBERTO CAETANO DE BARROS**  
(Trabalhador da função pública)

«Se um dia o nosso Estado vier a ter possibilidades de criar creches, melhor será para nós. Mas não serão como os infantários criados nalguns países, em que só vão para lá filhos daqueles que têm dinheiro. Não é só essa classe de filhos que o nosso país necessita. Todas as crianças são o futuro da nossa terra. Seria uma ideia nova e útil no nosso país, na medida em que a maioria das nossas crianças nascem são criadas

em ambientes desfavoráveis ao seu desenvolvimento. Quer dizer, que uma criança criada numa creche durante os primeiros anos da sua vida tem uma vantagem de adquirir uma melhor formação do que aquela que fôr criada em condições afastadas dos cuidados sanitários.»

**LEONILDE M. MACEDO**  
(Trabalhadora da Associação Comercial)

«Nós as mães, ficaríamos satisfeitas porque passaríamos a ter menos preocupações com os nossos filhos, embora não seja assim bastante fácil. Muitas vezes tenho perguntado se há alguém que possa tomar conta do meu bebé, enquanto trabalho. No meu caso, as crianças não serão internadas para sempre. Seriam levadas para creches ou infantários de manhã até entardecer. É evidente que há muitos sem possibilidades, mas é normal que haja creches para os dias de trabalho das crianças cujos pais têm dinheiro, mas não têm tempo para cuidar deles em casa e por outro lado para os filhos de pais pobres em tempos definidos.»

**MARIA DE J. TAVARES**

«A criação de creches não é só um facto muito

útil num país como também é necessário. Os pais devem contribuir com uma quantia de dinheiro para o estabelecimento destinado para esse efeito, dentro das suas possibilidades. Pode parecer injusto, mas na minha opinião, devem pagar aqueles que têm mais possibilidades. O Estado deve permitir-lhes o acesso dos seus filhos às creches gratuitamente, ficando assim a beneficiar da contribuição dos primeiros. Só assim as coisas andarão melhor.»

**JOÃO TAVARES**  
(Funcionário aposentado)

Se tivermos em conta a necessidade geral das populações, vemos que as creches são necessárias.

Quanto ao meu caso pessoal não vejo esta necessidade, porque além de ter a minha mulher em casa, tenho também a minha mãe amputada que pode muito bem encarregar-se das crianças. Simplesmente, o que me preocupa é o facto de não estar a trabalhar, dispondo-me apenas do dinheiro de aposentação. Isso não chega para um homem que ainda tem forças para trabalhar como eu, e por cima, com 15 filhos.

## NO PINTCHA

Orgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo  
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano ..... 400\$00

6 meses ..... 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano ..... 500\$00

6 meses ..... 300\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

## FARMÁCIAS

HOJE — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

AMANHÃ — «HIGIENE» — Rua António N'Banca, telefone 2520.

SEGUNDA-FEIRA — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

## TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2800

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica - 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

## RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

## CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 18,30 horas — «CHAMAVAM-LHE REI» — m/14 anos.

SEGUNDA-FEIRA — Semana do Filme Soviético.

## ENTUSIASTICA RECEPÇÃO A AGOSTINHO NETO

### Conversações com Aristides Pereira

Entusiásticas manifestações populares acolheram o camarada Presidente Agostinho Neto na Praia, onde a delegação angolana chegou ao fim da tarde de anteontem.

Aguardado no aeroporto pelas autoridades daquele país, encabeçadas pelo camarada Aristides Pereira, secretário-geral do PAIGC e presidente da República de Cabo Verde, o presidente Agostinho Neto foi conduzido, entre as aclamações de simpatia e solidariedade, até à cidade. Aqui realizou-se um «meeting», onde o camarada Agostinho Neto teve, pela primeira vez, a oportunidade de se dirigir à população caboverdiana.

À noite, a delegação angolana foi obsequiada com uma recepção oferecida pelo camarada Aristides Pereira e sua

esposa no Palácio da Presidência. Estiveram presentes todos os responsáveis do Partido e do Estado irmão, bem como o corpo diplomático acreditado no país e elementos de organizações de massas. Registraram-se intervenções dos presidentes Aristides Pereira e Agostinho Neto.

Ao princípio da manhã de ontem realizou-se no Salão do Conselho de Ministros um «tête à tête» entre os dois presidentes. A seguir, o camarada Agostinho Neto teve uma reunião alargada com os camaradas do governo e do Secretariado Permanente da Comissão Nacional do PAIGC em Cabo Verde.

À tarde, a delegação visitou a Cadeia Civil, onde foi oferecida ao camarada Agostinho Neto uma fotocópia do seu processo, elaborado pelas

autoridades fascista-coloniais portuguesas. Em seguida, dirigiu-se ao Tarrafal, nos arredores da Praia, onde o camarada Agostinho Neto passou alguns dos mais sombrios anos da sua vida, preso às mãos da PIDE, por ter cometido o «crime» de lutar pela libertação da sua terra.

À noite, realizou-se na Praça 12 de Setembro um sarau musical, ao mesmo tempo que o presidente Agostinho Neto participava num jantar oferecido no Palácio da República.

Devido às alterações do programa, o regresso da delegação angolana ao seu país efectua-se em voo directo, a partir do Sal. A partida da Praia para o Sal estava prevista para às 8 horas desta manhã.

### OSVALDO LOPES DA SILVA EM LUANDA

#### “Contribuindo para o desenvolvimento de Angola os caboverdianos estarão a contribuir para o desenvolvimento de Cabo Verde”

Uma delegação partidária e governamental de Cabo Verde, chefiada pelo camarada Osvaldo Lopes da Silva, membro do CSL do Partido e ministro da Economia esteve há cerca de duas semanas em Angola. No momento em que o Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, camarada Agostinho Neto, se encontra de visita ao país irmão, consideramos de toda a oportunidade a transcrição de parte de uma entrevista que o camarada Osvaldo Lopes da Silva concedeu naquela ocasião ao «Jornal de Angola». Nessa entrevista foram abordadas questões de grande importância para os dois países, tais como a cooperação e a solidariedade com o povo angolano, que, certamente, a visita de Agostinho Neto a Cabo Verde permitiu aprofundar.

O objectivo principal da visita da delegação caboverdiana a Angola consistia numa proposta de estabelecimento de relações diplomáticas. Conforme noticiámos na devida altura, foi já firmado o acordo para o estabelecimento de relações a nível de embaixadas, faltando apenas concretizá-las na prática. A par disso, o camarada Osvaldo levava indicações para o estabelecimento de futuras relações comerciais. E, sobretudo, era portador de um pedido do Governo de Cabo Verde com vista à abertu-

ra de uma carreira aérea regular directa entre os dois países.

Outro dos assuntos abordados entre a delegação caboverdiana e as autoridades angolanas diz respeito à situação dos naturais de Cabo Verde que vivem ou viviam em Angola. A esse propósito, o camarada Osvaldo Lopes da Silva confiou ao «Jornal de Angola»:

«Nós pensamos que os caboverdianos, aqui, devem estar integrados na vida do povo angolano. Com o povo angolano, enfrentem todas as dificuldades, participarem na luta pela emancipação do povo angolano, engajarem-se nesta fase de reconstrução nacional.

«Alguns caboverdianos, tomados de pânico, fugiram, abandonaram o território angolano. Nós entendemos que eles deviam ter continuado em Angola. Mas, era nosso dever, como Estado que protege todo o cidadão, recebê-los como os recebemos. Isto, constitui, aliás, um grande sacrifício para nós».

Segundo Osvaldo Lopes da Silva, muitos caboverdianos, que partiram de Angola temendo ser massacrados pela UNITA e FNLA, desejam agora regressar. Os seus braços podem ser úteis na reconstrução da economia angolana.

«Não queremos privilégios para os emigrantes caboverdianos

em Angola; não queremos estatutos especiais», precisou o ministro da Economia.

«Queremos que os caboverdianos aqui se sintam angolanos e com os angolanos passem pelos mesmos momentos, bons e maus, e se engajem na reconstrução nacional. Serão africanos, responsabilizados dessa sua condição, que contribuirão para o desenvolvimento desta parte de África. Contribuindo para o desenvolvimento de Angola, estamos certos, os caboverdianos estarão a contribuir para o desenvolvimento de Cabo Verde. E gostaríamos bem de encontrar uma solução para que os caboverdianos sejam, aqui, também angolanos. Tal como o inverso acontecerá.

#### MENSAGEM AO POVO ANGOLANO

É significativa a mensagem que o camarada Osvaldo Lopes da Silva dirigiu ao povo angolano, através das páginas do «Jornal de Angola». Eis o seu texto:

«Aos camaradas angolanos, eu tenho a dizer que o povo de Cabo Verde está radiante. Rejubila de alegria pela grande vitória do povo angolano, tendo à sua frente o MPLA, sob a presidência do camarada Agostinho Neto. As grandes vitórias alcançadas salvaram a dignidade

(Continua na pág. 8)



Amílcar Cabral

#### “Defender as conquistas da luta”

«Camaradas que às vezes estão na frente de combate durante anos, que um dia largam e vão à sua tabanca. Acabam de chegar, os tugas matam-nos. Portanto não devemos ter medo de morrer na guerra, mas morrer com resultado, com utilidade, não morrer à toa (a monton), só porque se fia na sorte».

«Temos orgulho de facto de que na nossa guerra, comparadas com outras guerras, quer em África quer fora de África, tem morrido muito pouca gente, muito pouca gente em relação àquela que podia morrer, nas nossas condições concretas. O nosso Partido tem sabido orientar a luta, reduzindo ao mínimo a perda dos nossos camaradas. E aqueles que são feridos temos feito o máximo pela sua recuperação. Esta é uma das forças da nossa luta. Portanto, devemos não só defender-nos, agindo sempre, porque a melhor defesa numa luta armada como a nossa, é a acção, a melhor defesa é o ataque, mas também nós devemos defender todas as conquistas da nossa luta. Embora não devemos confundir ou ficar agarrados ao terreno só para defender uma área libertada, em vez de irmos para a frente e atacarmos os tugas nos seus quartéis. Devemos criar meios próprios para defender áreas libertadas, mas as áreas libertadas não podem impedir-nos de avançar para o inimigo para lhes darmos cada vez mais golpes».

«À medida que a guerra avança, o nosso Partido tem sido capaz de transformar a estrutura da nossa guerra. Os camaradas devem lembrar-se bem do que era a luta no começo. A pouco e pouco nós modificámos os grupos de guerrilha, criámos corpos do exército ou unidades do exército, criámos comandos, começamos a coordenar a luta no quadro de zonas, de regiões diferentes. Antes por exemplo, o comando das forças armadas era o Comité do Partido, mas à medida que as nossas forças armadas cresceram, a guerra avançou mais e tivemos que separar a Direcção local do Partido da Direcção das Forças Armadas, embora aqueles que dirigem as Forças Armadas sejam também dirigentes do Partido. Criámos frente de luta, corpos do exército, passando por sectores de luta, etc. etc., e tudo isto mostra aos camaradas, como é que a nossa luta tem ido dinâmica. E uma das forças da nossa luta é o seguinte: é que nunca nós deixamos a nossa luta cristalizar. quer dizer, parar num dado estágio de evolução. Pelo contrário, temos sabido sempre adaptar a luta a novas condições de luta. Temos sabido passar da pistola ao morteiro, mas isso foi também modificar toda a estrutura, até chegar ao morteiro. Temos sabido mudar os tipos de luta, no momento em que é preciso fazê-lo. Às vezes claro, nas nossas condições, com um bocado de atraso. Mas às vezes também cometemos erros, como por exemplo, quando criámos unidades a que chamamos secções, com gente a mais e que depois tivemos que reduzir. Lembrem-se da secção «Pidjiguiti», secção «Vitorino», por exemplo, etc. que tivemos depois que dividir, porque era gente demais para a capacidade que havia naquela altura, não podíamos. Ficamos só nos bigrupos».

«Mas devemos dizer que, num tipo de guerra como o nosso, numa terra como a nossa, a melhor maneira de combater é com pouca gente, dividida em pequenos grupos. Vejam o ataque de há dias a Pitche, depois da reunião que fizemos com os camaradas no Gabú. Ficamos contentes com o camarada Baro Seidi, com o ataque que ele fez, mas dissemos-lhe que podia fazer melhor ainda. Ele encheu-se de facto de capricho, ele e o Buonte Na Sansa, que é o seu comissário político. Depois daquela reunião, ele voltou com os seus combatentes e atacou Pitche com dois grupos de dezoito pessoas, entrando dentro do quartel dos tugas, apanhando os tugas dentro dos abrigos, rebentando uma série de casas, etc., etc.».

AGOSTINHO NETO

## "Os camaradas cubanos, os camaradas soviéticos, os camaradas da Guiné (Conakry) e da Guiné-Bissau estão em Angola a defender a causa da libertação da África"

Publicamos na íntegra a intervenção do camarada Presidente Agostinho Neto, na quarta-feira à noite, durante a recepção oferecida no Palácio da República:

«Caros camaradas do PAIGC, Excelências:

Esta primeira visita oficial e de amizade, que nós fazemos à República da Guiné-Bissau, faz-se no momento em que as forças africanas estão vitoriosas sobre o imperialismo. Faz-se no momento em que Angola, o país que eu represento aqui, se sente orgulhoso, se sente honrado, por merecer a atenção de vários outros povos do mundo. E isso porque conseguimos, as diversas forças progressistas do mundo e particularmente aquelas de África, fazer com que os inimigos que desejavam avançar, para instalar o neo-colonialismo em vários outros países de África recuaram, e recuaram de Angola. Não de recuar de outros países, não de recuar até que os povos de África estejam completamente livres!

Nós sabemos que a nossa tarefa, que nunca foi fácil, não será também fácil no futuro. Será uma tarefa que exigirá de nós sacrifícios, que exigirá de nós a constante dedicação com que sempre lutamos, desde que nós nos determinámos a libertar os povos e os países que se encontravam debaixo do jugo do colonialismo e que ainda, são o alvo da dominação imperialista.

Eu queria, camaradas e excelências, exprimir aqui mais uma vez, o que a nossa delegação sente neste momento, quer dizer, a grande alegria, pela maneira fraternal e entusiasta com que o povo da Guiné-Bissau nos recebeu. Embora esperássemos uma recepção calorosa, não pensávamos que chegar a Bissau, seria a mesma coisa que chegar a Luanda e assim aconteceu. Nós fomos aqui recebidos duma maneira extraordinária, graças à acção solidária, que foi sempre praticada pelo PAIGC. Queria ainda agradecer ao camarada Presidente Luiz Cabral, dizer-lhe que nós em Angola, estamos firmemente determinados a prosseguir a nossa luta de libertação, até que Angola seja realmente um país livre, um país em que as classes sociais que foram mais exploradas durante o colonialismo estejam em condições de participar nos actos decisivos para orientação do nosso país. Nós estamos também muito ligados à ideia de que nós não poderemos estar em Angola isolados, não poderemos ser de maneira nenhuma independentes se nós não ligarmos os nossos destinos aos destinos de outros povos, primeiramente de

África, e de outros povos do mundo.

Nós fizemos uma aliança nos anos 50, para libertação daquilo que eram as colónias portuguesas. O império colonial português desapareceu. Finalmente os colonialistas portugueses já não se podem pronunciar como tal. Neste momento, talvez ainda haja alguns saudosistas, que querem exercer nos países que outrora dominaram, o mesmo poder, a mesma exploração e a mesma opressão, mas Portugal como Estado não pode mais dominar povos africanos, que outrora colonizara. Isso é uma vitória nossa, é uma vitória dos nossos povos, é uma vitória de África. E por isso, uma vez que nós conquistámos esta primeira vitória, nós pensamos que vamos continuar a ser solidários e não se pergunte o mundo porque razão esta visita, porque razão esta presença de Angola na Guiné? Não se admire ninguém por causa disso, porque nós sempre fomos solidários uns com os outros e continuaremos a ser solidários na acção, para que os nossos povos não voltem a ser dominados e também para nós contribuirmos no plano internacional para o progresso, que nós todos desejamos no nosso planeta. Nós sentimos a responsabilidade, nós sentimos que devemos agir, que devemos ser coerentes com nós próprios e vamos ser!

### OS SULAFRICANOS SAIRÃO DE ANGOLA!

Nós ainda, em Angola, não estamos totalmente livres, há uma pequena parte do nosso território ocupada pelos sul-africanos, isso não impede que nós sintamos já completamente independentes e soberanos. Não impede que nós possamos tomar as posições que se impõem no plano internacional, e os sul-africanos, mais dia menos dia terão que abandonar o nosso país; se eles forem inteligentes, sairão sem guerra, se forem estúpidos sairão com guerra!

Quero aqui, no entanto, camaradas e excelências, dizer que as opções de Angola, as opções do povo angolano, do MPLA, as opções da República Popular de Angola, não satisfazem a uma parte do mundo. Pensa-se que nós vamos a reboque de certas potências, que também se diz que estão a dominar o nosso Estado. Bom, sobre isso, eu desejava esclarecer aqui, que nós sempre fomos independentes, o MPLA nunca se subornou à política não importa de qual país. Nós adoptamos a política de não-alinhamento, não participamos em alianças militares contra qualquer dos blocos que hoje se

degladiam no mundo. Nós somos firmemente pela resolução pelo nosso povo, dos problemas internos e não sofremos qualquer influência neste momento, para mudar a nossa política. Nós somos pela política de não-alinhamento. Nós somos completamente independentes, e se, por exemplo, o Presidente da República da Guiné-Bissau, quisesse influenciar Angola no sentido de se seguir tal ou tal política, essa pressão não resultaria... Nós não iríamos seguir qualquer uma política, simplesmente porque nós dizemos que devemos seguir tal ou tal caminho. Escolhemos aquilo que é mais conveniente para o nosso povo e de acordo com o nosso povo. É essa a nossa política. Por isso, críticas e muito malévolas observações, são feitas a respeito da presença dos camaradas cubanos ou camaradas soviéticos em Angola.

Eu gostaria de dizer o seguinte: quando os colonialistas portugueses saíram ou se preparavam para sair de Angola, a partir de 25 de Abril de 1974, eles próprios, os colonialistas portugueses, permitiram a invasão do nosso país. Naquela altura, nós classificamos essa invasão como uma invasão silenciosa, que se fazia a partir do Norte. Milhares e milhares de soldados regulares de um país vizinho entraram em Angola com o conhecimento das autoridades portuguesas e com o nosso conhecimento também. A partir de Outubro do ano passado, as tropas regulares da África do Sul, começaram a invadir o nosso país. Uma e outras tinham um objectivo: tomar a capital de Angola, Luanda, para exterminar, para destruir o MPLA. Nós poderíamos, nessa altura, capitular, dizer, bem, atrás do Zaire, atrás da África do Sul estão forças poderosas, estão os Estados Unidos da América, estão países da Europa e portanto vamos desistir da luta, vamos sair da batalha, vamos para as matas, vamos refugiar-nos nas cavernas que felizmente ainda existem em Angola, vamos esperar que uma força sobrenatural possa salvar a revolução.

Não fizemos isso, tomamos a decisão de resistir e lembramo-nos nessa altura que há países no mundo que sempre apoiaram a nossa luta de libertação, há países que nunca mudaram a sua atitude em relação à luta de libertação em Angola e à luta de libertação de outros povos. São os países socialistas, são os países progressistas do mundo. Fizemos um apelo e os nossos amigos compreenderam que nós necessitávamos de auxílio e deram. E com a determinação do nosso povo, com ajuda que nós tivemos de outros países amigos,

nós podemos expulsar do nosso território completamente aqueles que nos invadiram do Norte e estamos quase a expulsar aqueles que nos invadiram do Sul.

E, agora, aqueles mesmos que estavam aliados aos fascistas portugueses, que sempre foram contra nós, contra o povo angolano, contra a liberdade e contra a independência do povo angolano, agora dizem: bom, Angola não é independente porque estão lá cubanos e soviéticos!...

### DEFENDER A CAUSA DA LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA

São os mesmos que ontem, antes de 25 de Abril, estavam com o Salazar e com o Caetano, com Spínola e hoje estão contra o MPLA, contra a República Popular de Angola, contra os cubanos e contra os soviéticos. Claro, há coerência nisso tudo, são coerentes. Eles estão é contra nós e nós não o esqueceremos!

Somente quero dizer que se os camaradas cubanos, estão em Angola, se os camaradas soviéticos estão em Angola, se os camaradas da Guiné-Conakry estão em Angola e se os camaradas da Guiné-Bissau estão em Angola, estão lá para defender uma causa, a causa da libertação da África. E não é por causa das observações estúpidas, que nós vamos modificar a nossa orientação ou modificar a nossa linha de conduta. Uma coisa é estar num país para dominar, para explorar, para oprimir, e a outra coisa é estar num país para praticar a solidariedade internacionalista, que nós também ansiamos praticar em relação a outros povos do mundo. E não há nenhum soviético, não há nenhum cubano que em Luanda que nos diz o que devemos fazer, nós orientamos a nossa própria política e se recorremos à ajuda militar de outros países amigos foi porque a situação o exigiu e ainda o exige, porque é necessário que os sul-africanos saiam de Angola. Se eles não saírem, terão a guerra. Eles dizem que querem garantias quanto às barragens. As barragens são nossas, as barragens estão em Angola, são do povo angolano e eles vêm e põem soldados junto das barragens, dizem que querem garantias. Portanto, nós não temos que responder, não temos nenhuma resposta a dar aos sul-africanos. A primeira coisa a fazer é saírem de Angola, têm que sair de Angola.

### NÃO TEMOS A INTENÇÃO DE INVADIR A NAMÍBIA

Quanto ao problema da Namíbia, nós não temos nenhuma intenção de invadir a Namíbia.

(Continua na página 6)

## PRESIDENTE DO "A situação"

«A situação em África bastante favorável às forças anti-imperialista», declarou o camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, na conferência de Imprensa concedida ao fim da manhã de quinta-feira no Palácio da República, após a assinatura do comunicado conjunto com que terminou a sua visita de três dias à Guiné-Bissau.

Durante cerca de meia hora, o camarada Agostinho Neto respondeu a diversas perguntas dos jornalistas sobre o futuro do seu país, das outras ex-colónias portuguesas e da África, o papel do CONCP e da OUA, as formas práticas de reforço da solidariedade com os países ainda sob dominação colonialista e as relações com Portugal.

Foi precisamente este tema — as relações da República Popular de Angola com a antiga potência colonizadora — que dominou a conferência de Imprensa, o que levou Agostinho Neto a observar que se estava a hipervalorizar uma questão que nem sequer era fundamental.

«Angola pode perfeitamente viver e desenvolver-se sem Portugal». Deste modo sintetizou Agostinho Neto a sua posição face às atitudes tomadas pelo Governo português e particularmente a dificuldade que teve em reconhecer a independência da RPA e em propor relações diplomáticas com o novo país independente.

«Em relação a Angola não existe a preocupação das relações com Portugal», sublinhou Agostinho Neto acrescentando que o estabelecimento ou não de relações diplomáticas dependia da atitude que Portugal viesse a assumir perante Angola.

## LUIZ CABRAL

### "Combatentes da"

Usando da palavra aos brindes, durante a recepção oficial oferecida na quarta-feira à noite, no Palácio da Presidência, o camarada Luiz Cabral afirmou:

Caro camarada e irmão Presidente Agostinho Neto, Caros amigos e camaradas do MPLA e da República Popular de Angola, Caros camaradas e amigos, Minhas Senhoras e meus Senhores

Eu queria aproveitar estes momentos que vivemos juntos para, em nome da Direcção do PAIGC, do Conselho de Estado



Agostinho Neto

## "A situação mudou em África depois da libertação de Angola!"

(Continuação da pág. central)

Nós estamos com graves problemas internos. Estamos independentes já há quatro meses, temos que reconstruir toda a nossa administração, temos que montar a máquina do Estado. Porque é que vamos invadir a Namíbia?

Não temos interesse nenhum nisso. E se esse pretexto é ainda tomado hoje, como um pretexto para se fixarem em Angola, é simplesmente porque talvez haja um certo, não sei se posso dizer, «pudor reaccionário»...

Mas, a República Popular de Angola já se afirmou diante de África, diante do mundo e penso que nós vamos estabelecer relações de amizade com os povos que compreendem a nova situação que se criou no nosso continente. Porque a situação mudou no nosso continente depois da libertação de Angola. A situação mudou; aqueles que estavam a dominar a Namíbia muito tranquilamente, hoje estão a tremer, aqueles que dominavam o Zimbabwe muito tranquilamente, estão a tremer, aqueles que pensavam que os africanos com meia dúzia de mercenários se curvariam e que se sentiriam imediatamente vencidos, não pensem que vão muito facilmente recrutar mais mercenários, porque eles ficaram sepultados em Angola e no momento oportuno nós vamos apresentar ao mundo aqueles que estão nas nossas cadeias, em Angola!

Penso que, neste contexto, houve atitudes louváveis, atitudes mesmo inesperadas, por exemplo, atitudes que se tomaram na Europa e em relação ao reconhecimento da República Popular de Angola. Nós não esperávamos que houvesse um reconhecimento tão rápido na Europa e a França deu o exemplo ao reconhecer em primeiro lugar, apesar de eu ter sido expulso de Paris, em 1965, por «terrorista» e os nossos camaradas dirigentes não podem passar por Paris. A França apoiava Salazar, apoiava a política fascista de Portugal. Bom, a realidade veio ao de cima e, inteligentes como são, os franceses reconheceram Angola e, atrás da França, houve outros países que reconheceram o nosso país, o nosso Estado. Creio que muito brevemente vamos estabelecer relações, não somente no plano económico, mas relações de amizade, que vão permitir portanto um intercâmbio de ideias entre o nosso país e outros países da Europa. E isso é o que nós desejamos, é que nas relações internacionais não haja preconceitos, não haja o desejo de subjugar quem quer que seja, ter respeito pela independência, pela soberania de outros povos, que haja igualdade de tratamento tanto para os países africanos ou europeus, que haja relações

económicas com vantagens para desejamos e desde que isso seja ambos os lados, isso é que nós satisfeito, nós não temos mais nada a dizer e não teremos rançar, nós não somos vingativos.

Por vezes, pergunta-se o que será feito dos «leaders» das organizações fantoches da UNITA e FNLA, que funcionaram em Angola como elementos divisionistas. Vamos matá-los a todos? Vamos constituir vários pelotões de fuzilamentos para liquidar todos aqueles que eram da FNLA e da UNITA?

Não é essa a nossa intenção e neste momento estamos a negociar com os países vizinhos para que eles possam regressar. Evidentemente, aqueles que cometeram crimes... Nós sofremos desgastes na nossa população, milhares e milhares de pessoas foram mortas (ainda agora, desde segunda-feira passada, houve luto nacional no nosso país por causa do fuzilamento de membros de Bureau Político na região de Huambo). Eu não creio que em qualquer parte do mundo haja a possibilidade de assassinar gente sem que depois não haja um julgamento. É preciso que esses crimes sejam devidamente apreciados pelo nosso povo e pela opinião internacional.

Mas também creio que muitos daqueles que pertenceram à UNITA e FNLA, foram levados pelos seus sentimentos tribais, pela sua ingenuidade, e não devem merecer qualquer castigo. Podem reintegrar-se na sociedade angolana Revolucionária, e é possível que dentro de alguns anos eles possam contribuir também para o desenvolvimento de Angola.

Nós estamos, portanto, a fazer um esforço, para que seja compreendida a nossa atitude no mundo, estamos a fazer um esforço para que não haja mal entendidos, para que não se pense que a RPA, porque no passado houve uma atitude hostil, ou uma atitude menos amiga, porque da parte da vossa população houve atitudes que prejudicaram o nosso povo, que nós vamos guardar na nossa memória esse comportamento ou de pessoas, para funcionar em consequência. Não é isso, nós somos um Estado independente, soberano. O MPLA é o Partido que dirige Angola, nós hoje temos portanto a capacidade e a possibilidade de manter em Angola a política que mais serve os interesses do povo angolano, os interesses de África, assim como os interesses de todos os povos progressistas do mundo.

UNIÃO NA C.O.N.C.P.

Nós vamos, a partir destas posições, ver como poderemos dentro daquela união que existiu sempre, aquilo que se chamou, que até agora se chama a CONCP, manter a solidariedade dos povos das antigas colónias

portuguesas, quer dizer, a Guiné-Bissau, que fez uma luta revolucionária e brilhante, Cabo Verde, S. Tomé, Moçambique e Angola. Nós devemos concertar os nossos pontos de vista para realizar no futuro uma política comum que sirva ainda os interesses dos nossos povos. Nós não desejamos isolar-nos uns dos outros e por isso, essa visita aqui não deve espantar a ninguém, não há nenhuma intenção ocultas, há simplesmente a amizade que liga o povo angolano ao povo da Guiné.

ALIANÇA FIRME E LEAL  
COM OS PAÍSES SOCIALISTAS

Queria, portanto, dizer aos camaradas e aos representantes dos países amigos que estão aqui acreditados na Guiné-Bissau, que Angola é um país progressista, um país dirigido para o progresso, um país que vai desenvolver os seus laços de amizade com outros países do mundo, que não vai desprezar a sua aliança firme, a aliança sincera e leal com os países socialistas, que não vai desviar-se da sua linha de orientação que tem seguido até este momento. Angola mo um elemento mais para a libertação do nosso continente e eu, em nome do povo angolano, em nome do MPLA e do Governo da República Popular de Angola, quero testemunhar mais uma vez a todos os povos do mundo e particularmente àqueles que estão aqui representados, os nossos melhores agradecimentos à República da Guiné-Bissau, que nos momentos mais difíceis da nossa luta contra o imperialismo, apesar das dificuldades que os camaradas e excelências conhecem, não hesitou em dar-nos meios materiais e humanos para defesa da independência de Angola.

Essa é a verdadeira solidariedade que nós procuramos e procuraremos também exercer, no futuro quando as condições do nosso país forem melhores!

NOS ARMAZÉNS DO POVO  
E NA AMURA

No complemento do programa da sua visita ao nosso país, o camarada Agostinho Neto esteve anteontem de manhã nos Armazéns do Povo.

O camarada Presidente foi recebido pelos camaradas Armando Ramos, membro do CSL do Partido e Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, Francisco Coutinho, director-geral dos Armazéns do Povo e demais funcionários daquele departamento.

O Presidente da República Popular de Angola, percorreu demoradamente as secções que ali funcionam, inteirando-se pormenorizadamente dos seus funcionamentos.

Aos visitantes foi servido um pequeno «cocktail». O camarada

Armando Ramos, usou da palavra para agradecer a visita, e o camarada Presidente Agostinho Neto também agradeceu, em poucas palavras, o acolhimento que foi alvo. No final, foram oferecidos presentes aos membros da delegação angolana, cabendo ao camarada Presidente uma espada trabalhada e revestida de ouro.

Em seguida, o ilustre visitante e a sua comitiva dirigiram-se ao quartel do Estado-Maior General das FARP, na Amura, onde foram recebidos pelo camarada João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado das Forças Armadas. Fo-

ram-lhe prestadas honras militares por um pelotão da Polícia Militar.

O camarada Presidente visitou em seguida as obras do Mausoléu do camarada Amílcar Cabral.

Por último, o camarada Agostinho Neto dirigiu-se ao Jardim-Escola Titina Silá, onde foi recebido pelos camaradas Lilica Boal, directora do Instituto de Amizade, e Pedro Cunha, director da escola, pessoal docente e alunos que entoaram os Hinos Nacionais dos dois países.

O camarada Neto visitou as instalações e a exposição de trabalhos dos alunos. Durante o percurso foi constantemente saudado pelas massas populares.

Luiz Cabral

## "A nossa arma é a união"

(Continuação das páginas centrais)

pera, que ousam como nós ousamos o inimigo, que, partindo do nada, derrubaram o mais velho dos impérios do mundo, combatentes como vocês, os primeiros a reduzir à sua insignificância militar e moral as divisões desfeitas de Pretória, dando um exemplo impar da capacidade de lutar e de vencer do Homem Africano, que reduziram a cinzas, em menos de dois meses, o mito do mercenariado invencível com que o imperialismo de tempos a tempos ameaça a África, combatentes da nossa ténpera — dizia — não temem batalhas. E vence-las-ão uma a uma. Porque se trata da luta dos povos e os povos vencem sempre.

Sem exagerar as nossas forças, creio que, apesar de tudo, apesar dos sacrifícios que teremos de fazer, não estamos assim tão mal à partida. E, no balanço geral das nossas forças, a nossa arma talvez mais preciosa é a solidão da nossa união — a união que forjámos e consolidámos nas batalhas do passado, e que continuará a garantir os nossos sucessos futuros. Porque nós não temos problemas que não sejam comuns, inimigos que não sejam comuns, não sofremos golpes que não sejam desferidos lá e cá.

Nesta hora de júbilo e confraternização de combatentes, eu queria, camarada Agostinho Neto, desejar as maiores vitórias ao vosso Povo irmão e amigo. Temos a certeza de que as vossas dificuldades de hoje mais não são do que dores normais a preceder o parto de uma grande Nação, bela, forte e progressiva. Será ela o Mundo que o angola-

lano criou — ele próprio. Já que, ninguém, por mais séculos de que disponha, cria mundos para os outros.

A particularidade dessa vossa obra — da obra do vosso Povo — é que ela se destina a servir os Povos. Por isso mesmo, Angola será uma terra a irradiar liberdade, fraternidade e progresso.

Queria pedir-te, camarada Presidente Agostinho Neto, queria pedir-vos, camaradas do MPLA, que sejam os portadores para a vossa querida Pátria do nosso melhor abraço. Dum abraço em que envolvemos os vivos e os mortos — os heróis combatentes das FAPLA, a figura delicada e inesquecível da vossa Deolinda, o garbo e a rectidão de Hoji la Henda e tantos, tantos outros, que o nosso Povo canta como nossos Heróis Nacionais que também são.

E temos a certeza de que se, como costuma dizer-se, algo há para além do sacrifício supremo, no mesmo amplexo estará conosco aquele que foi — nós sabemos — o teu companheiro mais chegado e o teu admirador mais sincero — o nosso Irmão e Dirigente Amílcar Cabral, que o teu Povo também chora.

Eu queria, camaradas, senhoras e senhores, levantar a minha taça pela saúde do camarada Presidente Agostinho Neto, pelos camaradas do MPLA e pela República Popular de Angola.

Viva o camarada Presidente Agostinho Neto.

Viva a solidariedade de combate entre o MPLA e o PAIGC.

Viva a República Popular de Angola.

## SAMORA MACHEL EMPOSSA NOVOS GOVERNADORES

MAPUTO (TASS) — Samora Machel, Presidente da República Popular de Moçambique, interveio durante uma cerimónia de juramento, realizada pelas novas governadoras das províncias de Sofala, Tete, Niassa e Nampula. O Presidente incitou-os a entregarem-se a uma luta intransigente contra a corrupção e o comodismo, a defenderem os interesses das massas populares.

Os antigos governadores destas províncias tinham sido destituídos por terem abusado do poder e por terem aceite subornos.

Os novos governadores são quadros da FRELIMO, que cumpriram anteriormente postos militares importantes: Eduardo Tomé foi nomeado governador da província de Sofala; António Taí, de Tete; Aurélio Manave, de Niassa e João Américo Mpfumo, de Nampula.

## Conselho de Segurança condena a agressão racista a Moçambique

NOVA YORK (TASS) — O Conselho de Segurança da ONU declarou-se muito preocupado com a situação inquietante que se criou a seguir aos actos agressivos de provocação do regime racista ilegal contra a segurança e a integridade territorial da República Popular de Moçambique.

Durante a reunião de dois dias convocada a pedido do governo da República Popular de Moçambique, o Conselho de Segurança votou por unanimidade uma moção desaprovando os ataques armados dos racistas rodesianos contra a população civil de Moçambique e aprovando a decisão da República Popular de Moçambique de cortar os contactos comerciais e económicos com a Rodésia. A moção apela a todos os países a concederem um apoio ao povo de Moçambique para que ele possa realizar o seu programa de desenvolvimento económico e de reforço da sua independência, em condições normais.

O Conselho de Segurança reafirmou igualmente o direito inalienável do povo Zimbabwe à autodeter-

minação e à independência, conforme a declaração da ONU sobre a concessão da independência aos países e povos colonizados e a legalidade da sua luta visando assegurar este direito.

Os representantes de numerosos países em vias de desenvolvimento, em particular, das jovens nações africanas, citam exemplos concludentes da agressão armada do regime racista de Smith contra Moçambique, país membro da ONU e da OUA.

O ataque aos habitantes das aldeias de Moçambique causando vítimas entre a população suscita a inquietude e põe em causa a paz e a segurança nesta região, declarou Dunstan Weston Kamana, representante permanente da República Zambiana na ONU.

A independência de Moçambique e de Angola e a intensificação da luta pela libertação da Namíbia abrem boas perspectivas para a libertação nacional completa dos povos da África do Sul, declarou Didley Thompson, ministro dos Negócios Estrangeiros da Jamaica. A população autóctone da Rodésia foi oprimida durante muito tempo pela minoria racista, mas não está longe do dia em que Smith e seus cúmplices serão obrigados a capitular, constatou ele.

O representante permanente da Gukwana na ONU, Rashleigh Jackson, apelou à comunidade internacional das nações a solidarizar-se com o povo de Moçambique neste momento difícil para a República. O dever da ONU é de apoiar resolutamente aqueles que são pela supressão rápida dos regimes coloniais e racistas na África do Sul, disse ele.

A União Soviética desaprovou sempre com força o regime racista ilegal da Rodésia e os seus actos de agressão contra os países e povos africanos, nomeadamente contra a República Popular de Moçambique, declarou o delegado soviético Mikhail Kharlamov. Ele pronun-

ciou-se por medidas eficazes visando aplicar as resoluções da ONU dirigidas para a realização, pelo Zimbabwe, do seu direito inalienável à autodeterminação.

## Apoio à luta do Povo Zimbabwe

CAIRO (TASS) — Os representantes dos movimentos africanos de libertação nacional no Cairo, fizeram na quarta-feira, por ocasião do Dia Internacional de Solidariedade para com o povo do Zimbabwe, uma delegação precisando nomeadamente: «Apesar das perseguições, das execuções e das sanções severas, o povo do Zimbabwe, empenhado na obtenção da liberdade, está determinado a desmantelar, o mais rapidamente possível, o regime da minoria branca».

A delegação sublinha que os movimentos de libertação nacional em África, apoiam firmemente os seus companheiros de armas no território do Zimbabwe. Os representantes dos movimentos de libertação nacional no Cairo, que se reuniram na quinta-feira, lançam um apelo aos povos amantes da paz e a todas as organizações internacionais, para alargarem o seu apoio militar, moral e material ao povo do Zimbabwe, em luta pela libertação rápida do seu país, pela independência nacional e o progresso social.

Os autores da declaração «agradecemos sinceramente às forças do progresso do mundo e, sobretudo, aos estados socialistas, com a União Soviética à cabeça, que prestam permanentemente o seu auxílio multiforme aos movimentos de libertação nacional em África».

ARGEL (TASS) — Nkomo, representante do Congresso Nacional da África do Sul, que se encontra em Argel de passagem pelo Dia Internacional de Solidariedade com a luta do povo do Zimbabwe celebrado na quarta-feira, uma entrevista ao correspondente do jornal «El Mudjahid». A decisão de Moçambique em fechar a fronteira com a Rodésia é uma «ajuda concreta e eficaz para a luta do povo do Zimbabwe, pela liberdade», declarou.

## Palestina

### O Povo resiste à dominação sionista

BEIRUTE (APS) — A agência palestina de imprensa «W A F A» afirmou que registaram-se novos desenvolvimentos na quarta-feira passada, no que respeita às violentas manifestações e os vastos movimentos de greve que sacodem actualmente a parte ocidental da Palestina ocupada.

A polícia sionista, o exército e os guardas fronteiriços, abriram fogo sobre os manifestantes na aldeia de Abou Deis perto de El Qods, ferindo mortalmente uma criança de onze anos. Uma rapariga de 14 anos e um rapaz de 19 anos foram igualmente gravemente feridos durante a fusilaria.

Outras operações de intimidação pela violência tiveram lugar na mesma aldeia, causando numerosos feridos entre a população. A repressão sionista provocou a cólera dos habitantes da aldeia e dos arredores. A juventude, nomeadamente,

reagiu cortando as passagens da estrada que conduzem à aldeia e defrontando os camiões militares sionistas à pedrada, com garrafas e outros projecteis. Não obstante os seus fracassos meios de defesa, os jovens manifestantes conseguiram destruir duas viaturas, enquanto que oito soldados sionistas foram feridos.

A reacção do Estado-Maior sionista não se fez esperar. Segundo um relatório proveniente da «W A F A», foram dadas com efeito ordens às tropas de ocupação para abrir fogo sem distinção sobre os jovens manifestantes ocupando a faixa da estrada principal. Novas vítimas vieram assim acrescentar-se às primeiras. Cinco jovens entre os feridos foram presos pela polícia israelita.

A polícia no local não se limitou a estes cinco jovens e várias outras prisões foram feitas entre a população de Abou Deis.

## Delegação Sahariana em Luanda

ARGEL (APS) — Uma delegação da República Árabe Sahariana Democrática (RASD) conduzida por Boukhariss, membro do Comité das Relações Externas, chegou no passado dia 14 a Luanda. Durante a sua visita à capital angolana, a delegação sahariana teve conversações com o ministro angolano dos

Negócios Estrangeiros, e foi recebida na quarta-feira à tarde pelo Primeiro-Ministro encarregado da Presidência do governo, durante a ausência do Presidente Neto.

Os dirigentes angolanos manifestaram a sua total solidariedade para com a luta do povo sahariano contra a agressão marroquina-mauritaniana.

### APELO DA POLISÁRIO AO POVO ESPANHOL

BIR-LAHLOU (APS) — A Frente Polisário de Libertação de La Saquia El Hamra e Rio de Ouro lançou um apelo ao povo espanhol no qual ela declara:

1) O nosso país está exposto a uma anexação das forças marroquinas e mauritanianas

2) Partes do nosso território foram ocupadas à força pelas tropas marroquinas e mauritanianas expondo assim a paz e a segurança na região a um grave perigo, não respeitando as resoluções adoptadas pelas mais altas instâncias internacionais.

3) As riquezas do Sahara são propriedade inalienável do povo sahariano. Por este motivo, ele é o único a beneficiar deles, apesar da invasão armada.

4) Não podendo reunir actualmente as condições adequadas para a exploração dos seus recursos fosfáticos, o povo sahariano anuncia que adia a sua exploração.

5) Todos os que se associarem aos invasores marroquinos na pilhagem dos nossos recursos naturais, são considerados como os inimigos do nosso povo.

6) Nós combatemos os nossos inimigos com todas as nossas forças.

7) Doravante não somos mais responsáveis do que poderá acontecer a todos que participarem, indivíduos ou sociedades, na pilhagem das nossas riquezas.

## Independência da Costa da Somália exlgida no Cairo

CAIRO (APS) — O Conselho da Liga Árabe exprimiu, na quarta-feira, o seu apoio total à independência da Costa da Somália, ocupada.

A França deve proceder ao referendo previsto no território, após ter assegurado uma atmosfera permitindo a livre expressão democrática dos pontos de vista do povo da Somália, precisa a resolução adoptada pelo Conselho, reunido há três dias no Cairo.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Liga lançam um apelo à França para que liberte todos os presos políticos somalinos e permita o regresso de todos os refugiados.

Mohamed Riad, Secretário-Geral da Liga Árabe, e o Comité formado no ano passado para esta questão, estão encarregados de entrar em contacto com o governo francês.

No que diz respeito ao diferendo franco-somaliano, o Conselho exprimiu, na resolução, o seu apoio total à Somália. Toda a agressão contra a Somália será considerada como uma agressão contra todos os países árabes, declarou Ahia Abou Bakr, porta-voz da Liga.

## A LUTA DO POVO VIETNAME APOIA MOÇAMBICANO

HANOI (TASS) — Realizou-se em Hanói um «meeting» dos representantes dos diferentes meios da capital da RDV (República Democrática do Vietname). Os seus participantes asseguraram o seu apoio aos povos do Zimbabwe e de Moçambique em luta contra o racismo rodesiano. Pham Hui Tong, vice-presidente do Comité Vietnamita para a paz, sublinhou no seu discurso que o povo do Vietname estigmatizava as acções agressivas da clique de Ian Smith contra o povo moçambicano e a sua política racista em relação ao povo do Zimbabwe, assim como a do povo moçambicano, sublinhou, faz parte integrante da luta que o movimento de libertação nacional em África dirige contra os racistas e as forças reacçãoárias estrangeiras. Os participantes no «meeting» adoptaram por unanimidade uma resolução, na qual exprimiram o seu apoio total à justa luta dos povos do Zimbabwe e de Moçambique.

## SITUAÇÃO NO LIBANO CONTINUA TENSA

BEIRUTE (TASS) — A situação no Líbano continua tensa. Houve na quarta-feira encontros nos numerosos bairros de Beirute, entre os representantes dos partidos da direita partidários do Presidente Soleiman e os representantes das forças patrióticas. Os combates com o uso de armas pesadas, tiveram lugar em numerosos arredores da capital. As personalidades políticas libanesas prosseguem as consultas com o objectivo de encontrar uma saída para a crise. Os dirigentes dos partidos progressistas publicaram um comunicado sublinhando que só a demissão do Presidente ajudará a resolver a crise política no Líbano.

## ARMAS BRITÂNICAS PARA OS RACISTAS

LONDRES (TASS) — O parlamento inglês debateu na quinta-feira a questão das vendas de armas ao regime racista sul-africano. O parlamentar Frank Allawn, trabalhista, chamou a atenção do primeiro ministro sobre as informações da imprensa, das quais resulta que a RSA recebe os motores e as peças de reserva dos carros «Centurião», de fabrico inglês, doando ao exército sul-africano. O transporte dos carros é feito por intermédio da Ilha Jersey, que está ligada por contrato ao ministério britânico da Defesa.

## AGÊNCIA DE NOTÍCIAS MOÇAMBICANA A FUNCIONAR

MAPUTO (TASS) — A agência de informação de Moçambique, organizada recentemente, começou a sua actividade. Os jornais do país publicaram na quarta-feira as suas primeiras informações. Criada com o concurso dos especialistas da RSA, a agência abrirá os seus escritórios em todos os centros provinciais da República.

## CONGRESSO DO P.C. DA ALEMANHA FEDERAL

BONA (TASS) — Iniciou-se ontem na capital federal o Congresso do Partido Comunista da Alemanha. Mais de 700 delegados, representando as organizações do Partido de todos os locais da REA, toma parte nestes trabalhos. Delegados de cerca de 30 partidos comunistas e operários, assistem a estes trabalhos. O Congresso do Partido Comunista da Alemanha, cujos trabalhos durarão três dias, examinará o relatório da direcção do PCA, elegerá os órgãos directivos do Partido e discutirá sobre mais importantes questões da política interna e externa do Partido.

Em Dakar

## Conferência Afro-Árabe

CAIRO (TASS)—Os participantes na sessão do Conselho da Liga dos Estados Árabes, que se realiza actualmente na capital egípcia, decidiram convocar a conferência dos estados Árabes e Africanos sobre a cooperação afro-árabe, a 19 de Abril próximo em Dakar, capital senegalesa.

Esta conferência, que reunirá os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países africanos e árabes, constituirá uma etapa preparatória para a convocação de uma cimeira africano-árabe

Sekou Touré

## "Formação dum grupo da África combatente"!

DAKAR (AFP) — «A iniciativa de constituir um grupo da África combatente foi tomada na cimeira de Conakry», declarou Sekou Touré, presidente da República da Guiné num discurso retransmitido pela «Rádio Conakry», captada em Dakar.

O Chefe de Estado guineense, que presidiu a uma conferência de Imprensa, afirmou que esta iniciativa terá a sua concretização em poucas semanas e o seu objectivo será o de passar à ofensiva «respondendo à violência imperialista pela violência popular revolucionária». Sekou Touré está convencido que a cimeira de Conakry, que reuniu o presidente guineense, Agostinho Neto, presidente de Angola,

Luiz Cabral, presidente da Guiné-Bissau, e Fidel Castro, primeiro-ministro cubano, foi por todos considerada como «um golpe contra o «apartheid» e o imperialismo». Revelou, aliás, que Marien N'Gouabi, presidente do Congo e Samora Machel, presidente de Moçambique, deviam participar nesta cimeira mas que apesar da sua ausência, a sua contribuição não foi prejudicada pelo facto de ambos terem enviado mensagens a Conakry.

As advertências de Sekou Touré pareciam directamentes dirigidas à África do Sul, acerca da qual disse que «o sistema racista será brevemente desmantelado». O Presidente guineense tem a convicção

que o seu objectivo será atingido pois declarou: «As condições de sucesso foram minuciosamente estudadas na cimeira de Conakry e o imperialismo encontrará o seu túmulo onde quer que a ofensiva venha a ser já desencadeada incessantemente».

## Começa a Semana do Filme Soviético

Tem início esta noite, no Cine-UDIB, em Bissau, a II Semana do Filme Soviético com a exibição de «Salve, Maria!», pelas 20 horas e 45 minutos. Realizar-se-á, antes, uma breve cerimónia de inauguração da «Semana», com a presença de camaradas do Comissariado de Educação e da embaixada da URSS.

Os filmes exibidos no certame serão todos legendados em português, projectando-se amanhã, domingo, «Operação X e Outras Aventuras de Churik», e, na segunda-feira, «Os Navios Explodem-se no Porto». A «Semana» prolonga-se até 26, com sessões todas as noites, para as quais se encontram à venda os bilhetes, aos preços habituais.

Ontem à tarde, a fim de estarem presentes à «Semana do Filme Soviético», chegaram a Bissau os camaradas Serguey Volkovoi, do Instituto de História e Teoria de Cinema, e Eve Kive, artista de cinema soviética. Eles terão contactos com o departamento de cinema do Comissariado de Informação e convidarão os nossos cineastas a assistir a um festival de cinema que se realizará este ano em Tachkent na União Soviética.

## Oswaldo Lopes da Silva em Luanda

(Continuação da pág. 3)

africana; era a dignidade africana que estava em jogo. Se a UNITA ou a FNLA dominassem o povo angolano, seria dia de luto para toda a África. O povo angolano merece o futuro que escolheu. Expresso, em meu nome, em nome desta delegação, em nome do PAIGC e do meu Governo, em nome de todo o povo de Cabo Verde, a nossa enorme alegria, a nossa enorme satisfação pela vossa vitória».

VISITA A MOÇAMBIQUE E BRAZZAVILLE

Depois de visitar Angola, a delegação caboverdiana seguiu

para Moçambique e para a República Popular do Congo.

O camarada Oswaldo Lopes da Silva definiu o objectivo da sua deslocação à República Popular de Moçambique, como fazendo parte de uma actuação anti-imperialista, que a recente agressão da Rodésia tornava mais oportuna do que nunca.

«Hoje, como ontem, a nossa posição é de apoio às forças que lutam contra o racismo, contra o «apartheid», e o nosso apoio a Moçambique é independente da actual agressão. Porque sempre houve uma situação de agressão, embora camuflada».

Acerca da visita a Brazzaville, o camarada Oswaldo Lopes da Silva declarou:

«A nossa política é global em relação a todos os países progressistas. Não nos confinamos apenas aos países da CONCP, se bem que tais relações sejam, para nós, privilegiadas. Nós temos estreitado as nossas relações com os países que estão numa linha mais avançada; entre eles, está a República Popular do Congo. É lógico, e natural, portanto, que depois de Angola e Moçambique visitemos Brazzaville. Com a RPC, desejamos estabelecer relações diplomáticas a nível de embaixador e discutir problemas da actualidade africana, com a República Árabe do Sahara, Moçambique, Comores, etc.».

## Educação Sanitária

### "Mama seca": porquê biberons?

Antes de entrar no assunto deste artigo, quero perguntar aos camaradas que estão a lê-lo se acham que as nossas mães têm condições de amamentar, seus filhos com biberons?

Porquê que essa pergunta se põe?!

— Por uma razão muito simples, devido à nossa condição de sub-desenvolvimento o nosso povo cozinha ainda com lenha, ao ar livre, debaixo duma árvore donde teias de aranha, moscas, poeiras, etc podem penetrar nos alimentos que estão a ser preparados.

Imaginem essas coisas todas nos biberons, engolidos pelos bebés! O que vai resultar nestes organismos tão frágeis.

Resulta diarreia, vómito e finalmente desidratação que pode levar à morte. É isso que contribui para a alta mortalidade infantil no nosso país, que necessita de homens para continuar esta luta dura, iniciada pelo nosso Partido.

Eu não sei se alguns dos

camaradas que estão a ler, já repararam no vazio dos nossos campos, das nossas ruas e da nossa Terra em geral.

— Precisamos de homens, de cabeças, de braços para trabalhar nos nossos campos, encher o vazio das nossas ruas e transformar a nossa terra num país maravilhoso e progressista e onde haja felicidade para todos dentro da linha do pensamento do nosso Líder, Amílcar Cabral.

— Já pensaram quanto custa a alimentação de uma criança alimentada a biberon? Sabem qual o preço de uma lata de leite de 250 grs nas farmácias, e quantos dias dura essa lata?

Pois bem! uma lata dessas custa cerca de 70 pesos e não chega para 5 dias; mas além do factor económico devemos pensar também no tempo, nas preocupações e na angústia que a preparação desses biberons impõe!

Senão vejamos. Precisamente porque começamos por usar uma marca de leite, e depois este se esgota na farmácia,

lá vem a preocupação, porque tem que se mudar de leite e a mudança de leite é susceptível de causar diarreia nos bebés, e às vezes pode acontecer que o bebé não goste pura e simplesmente do novo tipo de leite.

Mas há ainda outro problema: nem toda a gente sabe tratar dos biberons!

— Como é que uma mulher que não sabe ler, vai descobrir no rótulo da lata de leite as quantidades relativas de leite e água necessárias para dar ao bebé consoante a sua idade? E isso é um trabalho que tem que ser feito diariamente e consecutivamente. O facto de pôr mais leite ou menos leite, mais ou menos água na preparação do biberon, pode causar transtornos no organismo dos nossos filhos inocentes e desencadear o perigoso processo que pode levar à morte!

Nós somos obrigados a ser contra biberons, porque é esse modernismo o responsável das muitas pangabarrigas das nossas crianças, um dos factores mais importantes da mor-

talidade infantil da nossa República «Dinguido».

Temos que ter paciência e esperar para podermos usar biberons quando realmente tivermos condições de o fazer. Havemos de lá chegar e para isso temos que constroir os nossos esforços, cabeças e braços para pormos este país a andar para o caminho do progresso.

Porque o biberon só é útil numa sociedade em que estejam reunidas as condições necessárias para garantir a preparação ideal do leite, com higiene e esterilização, porque... numa sociedade como a nossa em que muitas casas não têm uma cozinha e onde não existe um fogão a gaz, nem electricidade e em que mais de 80% de população é analfabeta, aconselhar uma mãe a dar biberon ao seu bebé, equivale a passar um certificado de óbito a essa criança. Salvo algumas excepções no nosso meio, o biberon deve ser considerado um veneno mortal para as crianças com menos de 2 anos de idade!

Hoje

## Ajuda-Balantas

A inaugurar a segunda volta deste campeonato de futebol, jogam hoje à tarde no Estádio «Lino Correia», as equipas do Ajuda Sport e «Os Balantas» de Mansoa. Logo à noite, pelas 21 horas, no mesmo estádio, jogam Ténis-Clube-Udib, no jogo mais importante da jornada, que na primeira volta teve o resultado de 1 a 1.

Ainda esta tarde, em Bolama, a Estrela Negra local defrontará o Desportivo de Bula.

Amanhã, domingo, à tarde e à noite, jogam em Bissau, respectivamente, Benfica-Gabú e Sporting-Tombali. Nos restantes campos do interior, jogam: Bafatá-Farim e Bissorã-Cantchungo.

Para finalizar a quarta jornada do campeonato de reservas, jogam amanhã, pelas 8 horas da manhã, FARP e Benfica.

ESPAÑA:

PARTIDOS POLÍTICOS LEGALIZADOS (MENOS O P.C.)

MADRID (TASS) — O governo espanhol aprovou o projecto-lei relativo às remodelações no código penal, que legaliza as actividades dos partidos políticos em Espanha. Mas, estas remodelações contêm reservas que proibem o Partido Comunista.

Depois da guerra civil de 1939, as actividades dos partidos políticos foram interditas em Espanha, excepção feita ao Movimento Nacional (falangista), composto pelos mais zelosos partidários de Franco.

O novo projecto-lei deve ser aprovado pelas Cortes, onde os ultras ocupam posições dominantes.

MANIFESTAÇÕES NA ÁFRICA DO SUL

DAR-ES-SALAM (TASS) — Segundo o despacho provenientes de Joanesburgo, milhares de africanos manifestaram-se para protestar contra a política de discriminação racial das autoridades sul africanas. Tendo-se reunido frente ao Tribunal Supremo, onde se desenrolava o processo dos adversários do «apartheid», reclamaram o termo da opressão racial, a liberdade dos detidos políticos. Foram lançados nas ruas da cidade panfletos, apelando a toda a população para a luta contra o regime racista.

Destacamentos de polícias com cães, dispersaram os manifestantes. A seguir à repressão policial, dezenas de africanos ficaram feridos, alguns deles foram presos.